

O menino que comeu uma biblioteca

Linair Moura

O menino que comeu uma biblioteca é um romance histórico, contextualizado na primeira metade do século passado, em especial no período da segunda guerra mundial. Retrata os horrores da guerra, que destruiu a família e o amor de Jósik, um garoto polonês que aprendera com seu avô, a amar os livros e foi esta paixão que o manteve vivo nos momentos mais cruéis. Nos tempos de paz, os livros alimentaram o seu espírito e, nos tempos de guerra, o seu estômago.

Letícia Wierzchowski, a autora, é brasileira de ascendência polonesa e tem dezenas de obras publicadas. Temas poloneses são abordados em algumas delas. O livro é de 2018 e ela também escreveu A casa das sete mulheres, a conhecida obra que foi adaptada para a televisão brasileira.

O texto de Letícia é leve, mas nem por isso deixa de ser profundo, ela se vale da tradição familiar e de uma densa pesquisa histórica e de costumes para compor a narrativa. O livro interessa a todos que gostam de uma história bem construída com grandes doses de enlevo do espírito humano na superação de tempos difíceis e falta de perspectivas, onde a fada madrinha do destino preserva aqueles que estão marcados para serem felizes.

A obra de Letícia se sustenta sobre dois principais vetores, de um lado os acontecimentos reais sobre a segunda guerra mundial, contando o avanço do nazismo, os massacres e fuga de populações inteiras, as traições, os campos de concentração e, de outro, os elementos místicos, como os augúrios das cartas do tarô, a presença fantasmagórica do avô que protege Jósik em diversas ocasiões e a ligação sobrenatural de Eva com Jósik, desde a infância. A obra exalta a literatura, o amor e a crença no poder da leitura em desenvolver a sensibilidade transcendendo o espírito humano para além da experiência tangível.

O texto é escrito em primeira pessoa, Eva é a personagem narradora que conta sua história da infância à idade adulta. Eva concede a Jósik a narração de um grande trecho e, muito embora os fatos narrados por ele sejam repetidos por ela, as abordagens têm objetivos e interesses específicos.

A narrativa é, pois, repetida, embora não seja repetitiva no sentido pejorativo. Ademais, combina com o arcanjo que rege a vida de Eva, a Roda da Fortuna, que representa

a fluidez dos ciclos da vida e as mudanças sucessivas, onde as coisas retornam aos pontos de origem antes de prosseguirem. Os spoilers dados pela autora sobre o fim de Eva e Jósik, não tiram em nada o desejo do leitor de prosseguir para saber como ela constrói esse final, dado que suas realidades são muito distantes e seu encontro improvável, apesar dos traços em comum. Portanto, o que mantém o leitor não é a expectativa do final, mas o arranjo dos meios para objetivá-lo.

Desde o início, o leitor percebe por meio de fatos explícitos e implícitos que Jósik estava destinado a Eva. Ela, por intermédio do tarô, conhece e acompanha a vida do garoto polonês desde criança, mesmo vivendo do outro lado do Atlântico. Portanto, a relação mística existente entre esses dois personagens é o ponto central da obra.

Segundo a própria autora declara, a obra não é sobre a guerra, mas sobre o poder da ficção. Jósik desenvolve o gosto pela leitura, influenciado pelo avô Michael. Os dois são leitores vorazes e viviam absortos nos mundos contados nos livros, destoando dos moradores da pacata vila de Terebim, no interior da Polônia. O tesouro do avô era uma biblioteca que ocupava todos os espaços da velha casa, cujos livros serviam até de escora para o telhado. Constantemente, os atos, falas e situações vividas pelas personagens eram encaixados em passagens, eventos e trechos de obras da literatura mundial por Jósik e pelo avô. É a paixão de Jósik e sua ligação com o avô o salvará das desventuras da guerra após ter perdido tudo e a todos quanto tinha, até mesmo os livros, que ele foi vendendo um a um para não morrer de fome nos tempos difíceis.

Depois de morto, o avô atravessava a barreira que divide o mundo dos vivos e dos mortos para estar com o neto e orientá-lo sobre as estratégias que devia adotar para sobreviver aos perigos. A sua presença com o neto após a morte era explicada pelo poder da ficção, ou seja, era o poder da imaginação que mantinha e possibilitava seu relacionamento com o neto, para eles, aqueles que acreditam na magia da leitura podem ver além do mundo concreto. Por isso, Jósik continuava a ver o espectro do avô depois de morto.

Flora, mãe de Jósik, não tinha acesso a esse mundo porque sua sensibilidade não fora trabalhada pela imaginação, já que nunca conseguiu ler, sequer, um livro todo, por isso não pode ser ajudada pelo pai, que já estava no outro mundo. Mas, com o neto, o avô mantinha um elo profundo que transcendia o plano terreno e assim era capaz de livrá-lo dos tormentos e continuar alimentando seu corpo e sua alma.

Eva também desenvolveu o gosto pela ficção e, como Jósik, ela tinha acesso ao mundo mágico da criação desde o primeiro livro esquecido na cadeira da lanchonete, o que foi aprimorado pelos outros emprestados pelo padre da paróquia. Esses traços comuns aproximam os dois personagens desde o início da história.

Jósik era arrebatado pelos livros, enquanto Eva buscava no tarô os sinais e os signos para sua existência. Vivia com suas revelações e Jósik, do imaginário da criação literária, ele era enfeitiçado pelos livros e Eva, pelos arcanos do tarô, ou seja, os dois experimentavam realidades transcendentais, ambas movidas pela sensibilidade, fato que ajuda o leitor a entender o desenrolar de suas vidas rumo ao destino previamente anunciado.